

AQUILO QUE HERDASTE DE TEUS PAIS, CONQUISTA-O PARA FAZÊ-LO TEU.

Miriam A. Nogueira Lima¹

A ética que rege a psicanálise não visa propriamente nenhum bem estar na civilização. O mal estar para Freud é algo que não se pode eliminar da experiência humana. Veja-se, por exemplo, o seu texto de 1930. Outras práticas da cultura visam sim a uma remissão do mal estar. A religião por exemplo.

Sobre a questão religião e psicanálise, um psicanalista do Traço do Caso ² Nazir Hamad interroga: por que um crente, religioso praticante, ferrenho defensor da religião, vem ver um psicanalista, e que lugar convirá ao analista se o lugar do Outro já está ocupado? O que se demanda a um analista quando, justamente, o fundamento mesmo da pertença religiosa se faz deste sentimento de ser amado e protegido por força Onipotente e Onisciente? (Hamad, 1993). Tomando essa indagação, ponderamos alguns pontos como, por exemplo, a afirmação de que o Outro, como lugar da verdade, é o único lugar, embora irreduzível, que podemos dar ao termo “ser divino”. Lacan (1975) emprega um jogo de palavras para chamar Deus por seu nome. “Deus é propriamente o lugar onde se produz o deus-ser – o deuzer – o dizer. Por um nada, o dizer faz Deus ser. E enquanto se disser alguma coisa, a hipótese Deus estará aí”. Portanto há Deus.

Nestes termos e nesta medida do dizer pensamos que não há incompatibilidade entre psicanálise e crença na existência de Deus. Enquanto isso, diz o dito popular que “quando se fala com Deus é oração, porém quando Deus fala com alguém é loucura”. Loucura aí entendida como *não-senso*, quando se é falado ao invés de falar. Há que se escutar: *lapsus linguae*, esquecimentos, delírios, alucinações que, como se sabe, não são desprovidos de sentido. O que o analista não pode, seja ele religioso ou não, é dar um

¹ Psicanalista, membro de Interseção Psicanalítica do Brasil/RJ. E-mail: manglima@gmail.com.

² Dispositivo que visa trabalhar a prática do analista. Cf. Dumézil, C., *Le trait du cas ou le psychanalyste à la trace*. Paris: Point Hors Ligne, 1989.

sentido, pois se trata de fazer o sujeito suportar o *unheimlich*, o antitético, o paradoxal, fazê-lo proliferar os sentidos.

Desde as considerações acima, não nos parece que Deus ocupe o lugar do analista, de sSs – um saber em “reserva”, aliás, pois quem de fato sabe é o analisante, mesmo sem saber que sabe. E a única ambição possível ao analista seria fazer o sujeito aceder a um lugar de poder significar-se e não permanecer no lugar onde sempre esteve de significante do Outro, tendo que corresponder ao que dele se espera. Cabe ao analista, por sua vez, suportar todos os investimentos, porém sem responder à demanda de saber e de amor, para ser jogado fora como resto, como dejetivo no fim do percurso analítico.

A conhecida fórmula retomada por Freud de Ambroise Paré: “Eu o tratei. Deus o curou”, é lembrada por Serge Cottet (1989), por exemplo, como mote para afirmar que é com a ajuda de Deus, quer dizer do próprio sujeito, que se deve contar. É neste sentido que é tomada a referida afirmativa freudiana.

Mais cedo ou mais tarde, esta cura terá um fim. Se uma análise tem fim, é possível se dar conta que então se pode perguntar diretamente ao Outro, pode-se conversar com Deus, com o inconsciente, através de qualquer um. No final das contas, não se trata nem de impasse (Freud, rochedo da castração) nem de passe (Lacan), mas do confronto com o real enquanto impossível, que não deixa lugar para que exista “o” objeto, “a” felicidade, “a” completude, o que, entretanto, não impede de buscá-los sempre, na tentativa de bem dizer o real do sintoma, isto é, simbolizar o real. Assim é quando se estabelece com o sintoma uma relação diferente da queixa, quando alguém consegue haver-se com o seu sintoma, bem-dizer o sintoma, como ensinou Lacan.

Retomando a questão da religiosidade, vale lembrar a afirmação freudiana em “Psicologia das massas” de que ao contrário do que se passa na horda primitiva, onde há a perseguição pelo pai, na Igreja as crianças se sentem equitativamente amadas. Como sugere Nazir Hamad (op. cit.), o crente religioso quando se dirige ao analista está sofrendo do que se poderia chamar de “dessolidarização” do grupo, devido ao que Freud define como fracasso da inibição sexual, o qual dá lugar ao retorno do fim sexual recaiado com o conseqüente aparecimento da neurose. Um efeito de desagregação do grupo se produz, e abandonado a si-mesmo o neurótico é obrigado a substituir por suas formações sintomáticas as grandes formações do grupo do qual ele é excluído, como diz Hamad.

É possível reconhecer isto com certa freqüência em nossos grupos e instituições, no mundo de modo geral. O trabalho se inicia por distinguir o que é próprio do aporte

freudiano daquilo que lhe é alheio, por conceber as coisas de modo diferente e partir de outros princípios. A psicanálise parte de conceitos fundamentais que norteiam sua prática – exercício de princípios cuja ética lhe é absolutamente própria e singular, direção do tratamento possível no vigor da diferença que torne cada um capaz de suportar o inevitável mal estar sem acalantar a ilusão de abolir esse mal estar. Um dos grandes equívocos refere-se à formação dos analistas. Tem sido apregoada a formação de grande número de psicanalistas em cursos rápidos de fim de semana por parte de alguns grupos evangélicos³

Tais fatos deram origem a movimentos e articulações entre analistas de várias escolas buscando a união de forças contra os projetos de profissionalização da psicanálise, até a oportunista utilização do assunto tendo em vista a autopromoção de muitos, inclusive aqueles que na oportunidade se auto-intitulam analistas ao se incluírem nos inúmeros abaixo-assinados que circularam pelo país, sem que tenham seguido os reconhecidos requisitos de uma acertada formação. Desnecessário é sublinhar que isto, evidentemente, nada tem a ver com a autorização de analistas segundo Lacan, questão por sua vez bem complexa e proposta por ele em 1967 ao afirmar “o analista só se autoriza por si mesmo” ainda que completada posteriormente, em 1973-74, “e por alguns outros”.

Então, como abordar mais esse desafio? Em nossa opinião, conquistando cada vez mais e melhor o legado freudiano para torná-lo cada vez mais legítimo. Fazemos isto sempre que insistimos em trabalhar a partir da fidelidade aos princípios básicos da psicanálise e da fidedignidade no estudo de seus conceitos fundamentais. Procedendo assim, seguimos a inspiração de Goethe em sua palavra de poeta que, como se sabe, tem o *saber inconsciente* na ponta da língua afiada – “aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu” (Fausto, Parte I, Cena I). Seja no campo da psicanálise, seja no campo da religião. Mas, uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa.

(Rio de Janeiro, 20 de Julho de 2001.

Revisado em 19 de agosto de 2013).

³ Katz, C. S., “Psicanálise e bandeirantes”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28/06/01.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

COTTET, Serge. *Freud e o desejo do psicanalista*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

HAMAD, Nazir. "Un trait d'esprit", apresentado na *Séance publique du Trait du Cas*, Grenoble: exemplar mimeo, 1993.

LACAN, Jacques. *Seminário XX, Mais Ainda* (1975). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p.62.

_____ "Proposição de 9 de outubro de 1967, sobre o psicanalista na Escola". In *Silicet*, n.1, Paris: Seul, 1968. Tradução de M. Kleinman, exemplar mimeo.

_____ *Seminário XXI, Les Nom Dupes Errent*, aula de 9 de abril 1974. Tradução da Letra Freudiana do Rio de Janeiro, exemplar, mimeo.